

Práticas e tensionamentos **contemporâneos** no ensino de Jornalismo

Elton Bruno Pinheiro · Rafiza Varão · Zanei Barcellos
organizadores



Práticas e tensionamentos **contemporâneos** no ensino de Jornalismo

Elton Bruno Pinheiro · Rafiza Varão · Zanei Barcellos
organizadores

Brasília
FAC/UNB
2018

capa Rafiza Varão
diagramação Rafiza Varão
revisão Elton Bruno Pinheiro, Rafiza Varão, Zanei Barcellos



FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – FAC-UNB
Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro - Via L3 Norte, s/n - Asa Norte,
Brasília - DF, CEP: 70910-900
Telefone: (61) 3107-6627
E-mail: fac.livros@gmail.com

DIRETOR

Fernando Oliveira Paulino

VICE-DIRETORA

Liziane Guazina

CONSELHO EDITORIAL EXECUTIVO

Dácia Ibiapina, Elen Geraldês, Fernando Oliveira Paulino, Gustavo de Castro e Silva, Janara Sousa, Liziane Guazina, Luiz Martins da Silva.

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (NACIONAL)

César Bolaño (UFS), Cicilia Peruzzo (UMES), Danilo Rothberg (Unesp), Edgard Rebouças (UFES), Iluska Coutinho (UFJF), Raquel Paiva (UFRJ), Rogério Christofolletti (UFSC).

CONSELHO EDITORIAL CONSULTIVO (INTERNACIONAL)

Delia Covi (México), Deqiang Ji (China), Gabriel Kaplún (Uruguai), Gustavo Cimadevilla (Argentina), Herman Wasserman (África do Sul), Kaarle Nordestreng (Finlândia) e Madalena Oliveira (Portugal).

COORDENADORA EDITORIAL

Rafiza Varão

Catálogo na Publicação (CIP) Ficha catalográfica

P912 Práticas e tensionamentos contemporâneos no ensino de Jornalismo /
Elton Bruno Pinheiro, Rafiza Varão, Zanei Barcellos, organizadores. –
Brasília : Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2018.
241 p. : il.

Modo de acesso: World Wide Web: <[https://faclivros.wordpress.com/
category/livros/](https://faclivros.wordpress.com/category/livros/)>.

ISBN 978-85-93078-34-7
1. Jornalismo – Ensino. 2. Diretrizes Curriculares Nacionais. I. Pinheiro,
Elton Bruno, (org.). II. Varão, Rafiza, (org.). III. Barcellos, Zanei, (org.). CDU 37:07



Feliz é o
professor
que
aprende
ensinando

Cora Coralina

Sumário

9 Apresentação

Parte I: TEORIA

13 Para que teorias? O fazer e o saber do Jornalismo
Luiz Carlos Iasbeck

23 Jornalista profissional: novas competências para o egresso do bacharelado em Jornalismo
Maria Elisabete Antonioli

33 A Transitoriedade da mídia impressa para o formato digital: reflexões da narrativa visual, multimídia e multimodal da notícia
Suzana Guedes Cardoso

47 Os rumos do ensino do Jornalismo: o desafio de formar um novo profissional
David Renault

61 Formação superior em Jornalismo: Análise de diretrizes e propostas de universidades brasileiras
Edileuson Santos Almeida, Ada Cristina Machado da Silveira

73 Redações integradas e trabalho jornalístico: O uso das tecnologias para um trabalho emancipado e emancipador
Carlos Figueiredo

Parte II: ENSINO

- 87 **Experiência didática em Jornalismo: ensino com pesquisa sobre sites de notícias de Cuiabá (MT)**
Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca Voltolini
- 99 **Repórter UFMA e Imperatriz Notícias: relatos sobre as produções audiovisual e em *web* do curso de Jornalismo na UFMA de Imperatriz**
Lívia Cirne, Lucas Reino, Marco Antônio Gehlen, Thaísa Bueno, Vítor Belém
- 109 **Experiência de um ensino de linguagem sonora para curso de Jornalismo**
Nivaldo Ferraz
- 119 **O desafio do ensino do Jornalismo frente às mídias móveis**
Rose Mara Pinheiro
- 129 **O ensino de Jornalismo e a convergência: Integração das redações como proposta pedagógica**
Fábio Sadao Nakagawa, Suzana Oliveira Barbosa, Washington José de Souza Filho
- 139 **Impasses e oportunidades para o ensino de Jornalismo: o binômio perfil multitarefas e os processos de precarização**
Dione Oliveira Moura, Ana Carolina Kalume Maranhão
- 149 **A perspectiva de gênero no ensino do Jornalismo: uma análise dos projetos pedagógicos dos cursos de Curitiba e Ponta Grossa/PR**
Bruna Aparecida Camargo, Karina Janz Woitowicz

163 Ambientes, veículos, processos de produção e
jornalistas mutantes: uma proposta didático-pedagógica
Zanei Ramos Barcellos

Parte III: Diretrizes

177 Novas diretrizes, velhas questões: o currículo do curso de
jornalismo, antes e depois das DCN
Marcio da Silva Granez

189 Cidadania nas DCN e Jornalismo Comunitário: breve
reflexão sobre um panorama nacional do
ensino de Jornalismo
Cláudia Regina Lahni

203A Política de Extensão Acadêmica nas Diretrizes
Curriculares Nacionais do Curso de Jornalismo
Elton Bruno Pinheiro

215 O lugar da ética: Uma análise das recomendações sobre o
ensino de ética e jornalismo nos cursos do Centro-Oeste
após 2013
Rafiza Varão





Parte II

ENSINO



Nivaldo Ferraz

EXPERIÊNCIA DE UM ENSINO DE LINGUAGEM SONORA PARA CURSO DE JORNALISMO

Cultura, Jornalismo e pensamento crítico

O trabalho intelectual do ensino contribui, de forma residual e ao largo do tempo, com a configuração da *Cultura* na qual o trabalho que aqui relato presume se inserir. Como me proponho neste capítulo a verificar quão eficiente pode ser o ensino que apliquei de *Linguagem Sonora* na formação do estudante de jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi, parto da hipótese de que esse ensino, quando engendrado em nível de certa eficiência, contribui para a formação cultural deste estudante. O artigo se propõe a verificar essa hipótese.

Estando, portanto, a questão da Cultura em posição crucial na relação com o ensino, para uma posterior constatação a respeito do aprendizado em Linguagem Sonora adquirido por estudantes de jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi, interessa o princípio de Cultura, entre muitos autores, desenvolvido por Raymond Williams, por ele considerar o jornalismo uma instituição social importante na formação cultural da Sociedade. Em seus estudos culturais, Williams defende a origem do conceito de cultura vindo da lida com a terra e com a criação de animais, tendo evoluído para a visão de uma “convergência de interesses”, em que se destacam duas formas principais:

(a) ênfase no espírito formador de um modo de vida global, manifesto por todo âmbito das atividades sociais, porém mais evidente em atividades especificamente culturais – uma certa linguagem, estilos de arte, tipos de trabalho intelectual; e (b) ênfase em uma ordem social global no seio da qual uma cultura específica, quanto a estilos de arte e tipos de trabalho intelectual, é considerada produto direto ou indireto de uma ordem primordialmente constituída por outras atividades sociais. (WILLIAMS, 1992, p. 11).

Como Williams aponta em *Palavras-Chave* (2007), o termo *Cultura* é de uma complexidade própria e o que se estabelece a partir da modernidade é “o substantivo independente e abstrato que descreve as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística. [...] cultura é música, literatura, pintura, escultura, teatro e cinema.” (WILLIAMS, 2007, p. 121). Estendo, partindo do princípio de Williams, a noção de que Cultura é também a difusão disso tudo praticada pelo jornalismo. Seja enquanto captador, formulador e expositor de informações com vistas a formar

público pelo caminho do item (a), seja como propositor de informações pelo caminho do item (b), o jornalismo é definitivamente um agente que promove o acesso ao conhecimento da cultura contemporânea. Podemos querer, os que somos educadores e professores que ensinam jornalismo em suas diversas manifestações e formatos, que ele seja usado como uma ferramenta de promoção social, que ganha sustentação quando vertida como forma de tradução de conhecimento para proporcionar poder de decisão para além da fome, da miséria e da ignorância.

Sob esta perspectiva, os educadores podemos formular em nosso ensino no campo jornalístico uma “ação cultural para a liberdade”, expressão tomada do educador Paulo Freire, título de um livro que recolheu algumas palestras feitas por ele. Em uma delas, Freire adverte sobre “O papel do trabalhador social no processo de mudança” (1968), expressando, com a propriedade cabível também ao professor de jornalismo, que

não possa ser o trabalhador social, como educador que é, um técnico friamente neutro. Silenciar sua opção, escondê-la no emaranhado de suas técnicas ou disfarçá-la com a proclamação de sua neutralidade não significa na verdade ser neutro mas, ao contrário, trabalhar pela preservação do ‘status quo.’ (FREIRE, 1982, p. 39).

A visão de Freire é também oportuna nestes tempos brasileiros, em que uma ideia de “escola sem partido” demonstra sua fragilidade teórica justamente pela aproximação com um falso distanciamento ideológico que incita a manutenção do “status quo”. Pensar o jornalismo como o reduto de uma falsa imparcialidade da notícia pode significar uma determinação de passividade diante de injustiças sociais normalmente proporcionadas por classes a quem interessa a manutenção do “status quo”. Entendo que uma de nossas tarefas como professores é levar para estudantes de jornalismo dados e elementos suficientes para que tenham sua própria percepção e possam construir sua crítica específica à mídia em geral e ao seu funcionamento atrelado ao capitalismo, no caso brasileiro.

Tomando como base essa missão, o que busquei ao ministrar a disciplina *Linguagem Sonora* foi conseguir dos jovens estudantes expressões jornalísticas que lancem mão da sofisticada linguagem originária do rádio, sempre tendo em vista o significado social de transmitir uma informação qualificada a um público determinado. A proposta de fundo foi buscar um estado de liberdade em desenvolver conteúdos jornalísticos sonoros que apontem sinais de mudanças sociais por um lado, e por outro buscar evidências de reforços e manutenção do “status quo” pelo discurso hegemônico de meios de comunicação. De posse do conhecimento sobre como funciona o sistema de informações institucionalizadas e mantidas por grandes conglomerados de um lado, e com as possibilidades de se fazer o contrário por outro, pode o estudante de jornalismo, em sua independência, escolher entre auxiliar no esclarecimento e participação de grupos sociais frágeis política e economicamente; ou compreender que faz parte de um sistema para consumo ao gosto da aristocracia que se identifica ao ver-se refletida e ver refletidos seus valores em páginas, *sites*, jornais e emissoras informativas.

Mesmo sob a égide de uma evidente decadência dos ciclos de produção jornalística estabelecidos no século passado, “marcados pela entrega do jornal diário, pelo horário esperado do jornal na TV e no rádio, aparece a ‘angústia da informação’[...]” (RAMOS, 2016, p. 26). A despeito das visíveis modificações que a vida digital trouxe ao jornalismo, aliás, por ela mesma, a experiência periódica ainda não se perdeu e sobrevivem pensamentos do século passado sobre essa ciência, pois a “influência jornalística se espalha por todas as áreas da vida.” (GROTH, 2011, p. 31) e ainda se podem apontar os ciclos que exigem tempos e espaços para a observação da alma humana diante de cada fato, e para a experimentação de conformações de notícias de base sonora em escolas de jornalismo, em que essas observações da alma humana prevaleçam. As aulas de Linguagem Sonora dos alunos de jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi eram apresentadas no 1º semestre do curso, tornando-se assim uma oportunidade para os professores que por ela passaram de aproveitar a experiência de consumo de uma informação hegemônica partida de meios tradicionais de notícias por parte dos jovens, para apresentar a possibilidade contraditória disso, ou seja, uma conformação de pauta contra-hegemônica, em que a regra passa a ser “por no ar”, de forma simulada como validação da disciplina, o discurso de necessidades e ocupações de espaços de um público que fica à margem do espectro fechado da informação hegemônica.

A possibilidade de oferecer o espaço para a manifestação de um público marginalizado do discurso do jornalismo tradicional é filtrada no curso desta universidade, em termos de qualidade técnica jornalística e de conteúdo, para que as melhores reportagens das gerações de alunos sejam escaladas a participar da programação do segmento **Universidade no Ar**, da Rádio CBN-São Paulo, na média de um sábado por mês. No aproveitamento da parceria que o curso mantém com a emissora há oito anos em 2018, temos a oportunidade de, uma vez por mês, emitir pela Rádio CBN-São Paulo reportagem de alunos em que a principal característica venha a ser dar voz aos que não tem.

A disciplina *Linguagem Sonora* diante das Diretrizes para os cursos de Jornalismo

As Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação de Jornalismo, publicadas no DOU em 27 de setembro de 2013, determinaram muitas alterações na então matriz curricular do curso da Universidade Anhembi Morumbi, iniciada em 2013. Diante das exigências que uma nova matriz deveria atender e do aproveitamento institucional que a Diretoria de Qualidade Acadêmica da Universidade implantou, um dos caminhos possíveis à coordenação acadêmica do curso foi estabelecer algumas disciplinas com 40 horas aula, uma vez que escoaram para uma espécie de “funil” muitas divisões disciplinares vistas como necessárias para cumprir as Diretrizes por um lado, e por outro a preocupação em não expandir muito a carga horária total do curso, exigida pelas Diretrizes em, no mínimo, 3.000 horas. Desta forma, nasceram na matriz curricular nomenclaturas como *Linguagem Sonora* e *Mídias Digitais* como uma disciplina de 80 horas. Com a fusão feita, o Plano de Ensino dela tornou-se um documento único que busca integrar os dois temas, sem que nem *Linguagem Sonora*, nem *Mídias Digitais* prevalecessem uma sobre outra. Houve uma relação entre elas em alguns aspectos avaliativos, mas na maior parte do tempo dos semestres foram dadas como duas disciplinas isoladas.

Empossado como coordenador do curso desde 2007 e por minha formação na originalidade do Radiojornalismo como linguagem informativa e do rádio como meio de expressão, ampliei em 40 horas a carga horária na formação dos alunos na habilidade de pesquisa, planejamento, pauta, reportagens e formatações de programas jornalísticos para rádio e modelos de sons em áudio na então matriz curricular. Justamente as 40 horas aula de *Linguagem Sonora*.

Ao mesmo tempo, mantive na formatação da matriz curricular uma tradição acadêmica criada por coordenações anteriores do mesmo curso, em que a formação prática do aluno se inicia pela área sonora, passa pela audiovisual (TV) enquanto os princípios de mídias digitais se iniciam em paralelo. Somente depois dos processos de amadurecimento do texto jornalístico para estas plataformas é que o aprendizado desemboca nas formações práticas em jornal e revista para meios impresso e digital. O último passo da formação prática dedica-se a levar o aluno a formatar produtos em *Convergência de Mídias*, de modo a concluir seu aprendizado prático com todas as formas de expressão na passagem pelo curso.

Embora as Diretrizes Nacionais não falem diretamente sobre o ensino de informação sonora para o jornalista, observo, independentemente também das tendências do mercado da informação, a necessidade de alunos entenderem a singular *Linguagem Sonora* como elemento fundamental de comunicação da informação, instando-os a compreender e iniciar a prática de uma forma de comunicar falada dinâmica, direta e rápida a um usuário/ouvinte que encurta exponencialmente o tempo disponível a receber informações, diante da vasta oferta delas por meios digitais.

Costumei iniciar o semestre letivo destacando a questão sobre os vínculos sociais proporcionados pelo rádio. Para estabelecer esse conceito, o primeiro texto que os alunos precisaram ler para a segunda semana do semestre letivo foi o Capítulo 1 do livro *Rádio: teoria e prática*, de Luiz Artur Ferraretto (2014), sobre os conceitos do rádio. Uma semana depois, uma aula expositiva sobre pontos do capítulo foi dada. Nesta aula, enfatizei no texto a passagem que demonstra o rádio como “instituição social”, ou como “criação cultural”, da forma como prefere Meditsch, inspirado por Otto Groth, quando este último fala sobre o jornal impresso:

Assim como a existência de um jornal não se restringe ao calhamaço de papel impresso que foi publicado hoje, nem ao que foi publicado ontem, mas que se vincula a uma

ideia objetivada e apoiada numa instituição social, que permeia e supera a edição de cada dia, a existência de uma emissora de rádio em particular, e do rádio em geral como instituição, não pode mais ser atrelada à natureza dos equipamentos de transmissão e recepção utilizados para lhe dar vida, mas sim à especificidade do fluxo sonoro que proporciona e às relações socioculturais que a partir dele se estabelecem. (MEDITSCH, *apud* FERRARETTO (2014, p. 18-19).

Para demonstrar o rádio como um dos promotores destas “relações socioculturais” de que fala Meditsch, minha intenção primordial na segunda semana de aula, além de difundir os conceitos básicos do rádio, foi promover um debate sobre como os jovens alunos podem enxergar a produção de materiais sonoros que expressem notícias que normalmente não são filtradas pelas grandes corporações, muitas vezes por representarem grupos socialmente minoritários, desfavorecidos, com tendências comportamentais e de pensamento que não interessam às tendências e pensamento desses conglomerados. Uma das maiores dificuldades na lida com essa geração que já nasceu com a oferta dessas possibilidades de tecnologia digital para produzir conteúdo, é demonstrar que o que está ao dispor deles é uma possibilidade de revolução nas comunicações, de desestrutura da centralização da produção da notícia pelo jornalismo convencional. E que, por isso, o que eles têm em posse são ferramentas políticas.

Além dos elementos do texto de Ferraretto (2014), injetei no discurso a “pluralidade do rádio” como aponta o espanhol Mariano Cebrián Herreros (2001, p. 46), e a constituição dos 4 elementos sonoros difundidos pelo rádio (palavra, ruído, música e silêncio) assim como apresentou Armand Balsebre (2007, p. 22).

Principalmente nas primeiras aulas da disciplina, a sequência exige leitura e estudos sobre as características teórico-práticas da *Linguagem Sonora* com textos de conhecimentos teóricos e históricos, alinhando-a, desta forma, entre os eixos IV e V de formação (Artigo 6, pg. 4) descritos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em jornalismo:

IV - Eixo de formação profissional, que objetiva fundamentar o conhecimento teórico e prático, familiarizando os estudantes com os processos de gestão, produção, métodos e técnicas de apuração, redação e edição jornalística, possibilitando-lhes investigar os acontecimentos relatados pelas fontes, bem como capacitá-los a exercer a crítica e a prática redacional em língua portuguesa, de acordo com os gêneros e os formatos jornalísticos instituídos, as inovações tecnológicas, retóricas e argumentativas.

V - Eixo de aplicação processual, cujo objetivo é o de fornecer ao jornalista ferramentas técnicas e metodológicas, de modo que possa efetuar coberturas em diferentes suportes: jornalismo impresso, radiojornalismo, telejornalismo, *webjornalismo*, assessorias de imprensa e outras demandas do mercado de trabalho. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO, 2013, p. 4).

Se no princípio parti com aulas teóricas a revelar alguns conceitos básicos e outros práticos sobre o rádio, sobre seus elementos principais, sobre uma história do rádio no Brasil e da informação transitada nele – parte da disciplina que se identificou com o eixo IV da formação profissional, que “objetiva fundamentar o conhecimento teórico e prático” – logo na sequência, houve propostas absolutamente práticas, como adaptação de um trecho de obra não radiofônica para o rádio; a constituição de uma expressão sonora sem palavras que contasse uma história ou uma situação; nota de radiojornalismo escrita e que foi lida em simulação de jornal ao vivo; e constituição de uma pauta para reportagem em rádio, fatores que aproximavam a disciplina do eixo V de formação profissional, em que a proposta é “fornecer ferramentas técnicas e metodológicas, de modo que possa efetuar coberturas em diferentes suportes: jornalismo impresso, radiojornalismo, telejornalismo, *webjornalismo*, assessorias de imprensa e outras demandas do mercado de trabalho” (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO, 2013, p. 4). A disciplina Linguagem Sonora contemplou ainda o item III do Artigo 2º deste mesmo documento, segundo o qual a estrutura do curso de bacharelado em jornalismo deve “promover a integração teoria/prática e a interdisciplinaridade entre os eixos de desenvolvimento curricular;” (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO, 2013, p. 1).

Entendo que estiveram também os propósitos da disciplina alinhados à sugestão de formação nesta área da informação sonora, conforme proposto pela UNESCO para competências no Jornalismo:

Jornalistas dos meios audiovisuais sabem como escrever visando à utilização da voz, de sons e imagens, como estabelecer o foco da história, como introduzir trechos gravados e ao vivo, como falar claramente, fluentemente e de forma interessante, usando corretamente o idioma. (MODELO CURRICULAR DA UNESCO PARA O ENSINO DO JORNALISMO, p.35).

Linguagem Sonora como princípio contemporâneo do Radiojornalismo

A estratégia para conquistar o interesse de alunos de 1º Semestre de curso pode ser definitiva para que ele se decida por seguir na carreira de jornalista, ou desistir. Por essa importância, um detalhe apontado no processo do primeiro trabalho prático da disciplina foi a entrada do aluno no conhecimento do fazer rádio pela ficção, com objetivo de levá-los por uma experiência prazerosa ao conhecimento do que é este meio. Escolher um texto ficcional, ser instruído sobre como adaptar para o rádio, dividir a interpretação dos personagens pelos elementos da equipe, ensaiar, gravar no estúdio e depois editar para entregar a adaptação para ser avaliada, é uma dinâmica que em geral diverte o aluno. Ludicamente ele entra no universo dos sons, começando a aprender a fazer rádio.

Tratei, durante esse processo, de traçar um paralelo entre a produção pela qual eles estão passando com a adaptação de um trecho ficcional, com o processo de produção de uma reportagem diferida (ou editada) para o rádio, ou uma produção de informação em áudio ao modelo de podcast ou grande reportagem radiofônica. Para tanto, apresentei aos alunos uma simples tabela comparativa, com semelhanças e diferenças entre o processo de produção de ficção em áudio e o processo de produção da informação em áudio, olhando especificamente para o conceito da reportagem, para o qual eles partirão em breve durante o semestre. A simples tabela com a comparação entre os dois processos, segue:

Tabela 1. Digrama comparativo de produção para áudio entre ficção e realidade

FASE	FICÇÃO	FAS E	REALIDADE
1	Escolha do texto <i>a</i>	1	Seleção de um fato <i>a (a)</i>
2	Adaptação (Roteiro) <i>b</i>	1	Pesquisa, pauta e planejamento da cobertura <i>b (a)</i>
3	Ensaios <i>c</i>	1	Chegada ao local do fato, observação, conversas <i>c (a)</i>
4	Gravação falas e sonoplastia <i>d</i>	4	Captação (entrevistas e sons) <i>d (d)</i>
5	Edição e sonorização <i>e</i>	2	Roteiro da reportagem <i>e (b)</i>
		3/4	Gravação <i>f (c) e (d)</i>
		5	Edição e sonorização <i>g (e)</i>

Fonte: elaboração do autor

Ao apresentar a tabela acima, a primeira questão que demonstrei é como a narrativa da realidade para rádio e áudio exige mais fases do que a narrativa da ficção para os mesmos meios. Justifiquei esse pensamento demonstrando que, enquanto na ficção a história é dada de forma fechada no item (a), quando se trata, como no caso, de uma adaptação de obra já escrita; na realidade de nossa vida o fato se constrói vivamente, enquanto o jornalista o acompanha, selecionando-o, pesquisando dados, planejando a cobertura, até chegar ao local do fato para captar os sons e as palavras com as quais vai compor parte de sua narrativa. Assim, na divisão da realidade, o jornalista consome os itens (a), (b), (c), e (d), enquanto que na ficção apenas realiza o item (a) para tratar da história a ser contada. Essa

comparação pode ser melhor vista na leitura das colunas “Fases”, tanto da ficção quanto da realidade, na tabela acima. Apontei aos alunos, desta forma, que quando o jornalismo faz a reconstrução narrativa do fato é impossível não carregar em seu bojo uma ideologia, já que componente da formação social do ser humano (SODRÉ, 2009, p.10). Mostrei também que outros esclarecimentos sobre os estudos de ideologia na constituição da notícia irão reaparecer aos alunos em outras disciplinas do curso. Na mesma vez, demonstrei quão semelhantes são os processos de ficção e realidade no sentido de sua produção para meios de comunicação originais de massa, sobretudo do ponto de vista técnico de produção sonora e edição.

As metodologias das quais a disciplina lançou mão para desenvolver os conhecimentos e as habilidades dos alunos incluem dinâmicas diferentes e específicas para cada momento de produção dos trabalhos em grupo. O trabalho que exige o processo de produção em áudio da adaptação de um texto de origem literária, ou de quadrinhos, ou de outras linguagens – menos a radiofônica – faz o aluno desenvolver habilidades de trabalhar em equipe (fundamental para o trabalho jornalístico), e ter consciência e concentração na distribuição de funções e no cumprimento da função que foi dada a cada um para que o trabalho se realize. Para conduzir os processos das equipes de forma objetiva e clara, me acompanha minha experiência em ficção para áudio entre os anos de 1982 a 1989.

Em nova fase da disciplina, apresentei duas aulas teóricas sobre a História do Rádio no Brasil, com apresentação em slides de imagens e sons da história do rádio e sobre o acompanhamento que o rádio fez de nossa história política e social. É necessário fazer um grande esforço de síntese. O texto de base para os alunos e para mediar meu discurso é *Radiojornalismo: fragmentos de história* (ORTRIWANO, 2003), em que a autora constrói uma linha de tempo relacionando os principais acontecimentos do país e o acompanhamento que o rádio fez deles. Também discute a evolução tecnológica do meio e como beneficiou a velocidade que caracteriza o rádio. O discurso é composto por diversas influências vindas de autores que abordam a história do Rádio, lidos em meus estudos, de forma que estiveram embutidos no discurso das aulas fragmentos originais de Ferraretto (2007), sobre trecho de uma reportagem de Flávio Alcaraz Gomes, da Rádio Guaíba, em 1967, em que narra parte da Guerra dos Seis Dias, de Israel contra o Egito; Moreira (1991), em relação às intenções do “pai do rádio”, Roquette-Pinto, de fazer do Rádio um espaço social de aprendizado; Hausen (1996) sobre Getúlio Vargas e o surgimento da figura política do populismo na América Latina; Cabral, (2005) sobre a música brasileira nos primórdios do rádio; Murce (1976) a respeito do impacto do rádio na cidade do Rio de Janeiro nos anos 1920 e 1930; e Klockner (2011, p. 110-114) sobre o “manual sonoro” d’O Repórter Esso.

Em paralelo, propus aos alunos pensarem em uma história curta a ser narrada em sons sem palavras, que batizei de “Expressão Sonora”, sendo esse um trabalho individual para ser feito fora do tempo da aula. Os alunos foram orientados a lidarem minimamente com o software livre Audacity, apresentado por mim em seus caminhos de edição, a partir de um computador, com imagens projetadas em tela grande. Os alunos da turma ainda receberam pelo nosso Blackboard – software que funciona como um depósito das informações sobre as disciplinas que ele estuda no semestre – toda informação possível sobre a disciplina. No caso do Audacity, lá depusitei um manual sobre o funcionamento do software, de autoria de Daniel Gambaro (2010).

A fase seguinte foi de demonstração das regras para escrita de notas e notícias para o rádio ao modelo de frases “manchetadas”, usadas há décadas como estilo de redação da Rádio Jovem Pan de São Paulo, como referência auditiva para os alunos. Principei o discurso sobre notícia para Rádio por Zuculoto (2012), e expandi para as aplicações de estudos de Porchat (1993) e Ferrretto (2007) sobre o modelo de notícias “manchetadas”. A última fase do bimestre foi cada aluno apresentar, em sequência que envolve toda a turma, uma notícia ao vivo, em simulação de radiojornal feita no Estúdio, comigo funcionando como âncora.

Depois que os alunos recebem suas notas de trabalhos e prova válidos para o que na Universidade chamamos de N1, comecei a última rodada de um esforço para conhecimento de conceitos básicos e importância sobre pauta na construção da reportagem. Propus aos alunos a preparação em grupo de uma pauta para reportagem em rádio, usando como “template” um modelo de pauta em que me apoio para explicar todos os passos e itens de sua construção. Nestas aulas, a referência principal que me atinge é de Lage (2003). Depois de algumas rodadas de discussões com toda a classe, e em seguida

em particular com cada grupo, decidiram-se temas para a pauta de cada equipe a ser entregue como último trabalho da disciplina, encerrando-a em seus processos práticos. Busquei deixar os alunos prontos para iniciar, no semestre seguinte, sua jornada na disciplina Reportagem e Documentário no Rádio, partindo juntamente de onde pararam no semestre anterior: a pauta.

As evoluções de aproximação com a *Linguagem Sonora* que os alunos iniciantes no curso têm, os levam a evoluir para o passo 2 de seu aprendizado, a disciplina citada acima, no semestre imediatamente seguinte. O auge dela em termos práticos já fez os alunos porem no ar seu radiojornal em transmissão direta pelo *Facebook*. Proporcionamos assim a expansão para além da simulação simples e convencional de práticas universitárias em rádio e áudio. Ao transmitirmos ao vivo pelo *Facebook*, estamos fazendo rádio contemporâneo, estamos indo à execução de uma das emissões em plataformas digitais que trazem o conceito de rádio expandido, que “extrapola as transmissões hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, *sites* de jornais, portais de música...” (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 13).

Nossa experiência de transmissão sonora por mídias sociais foi feita e conduzida pelo professor Ricardo Senise, que iniciou essa prática e a mantém em toda oportunidade em que está nesta disciplina. Ele afirma que

[...] para o aluno essa experiência foi sem dúvida interessante, tanto para poder acompanhar o trabalho de outros grupos como para simular a interatividade com os ouvintes que ocorre em emissoras atualmente, quando o estúdio deixou de ser um local misterioso e está aberto para qualquer um matar a curiosidade sobre o que acontece durante o programa e como são os apresentadores. Além disso, a transmissão pelo *Facebook* serviu para fazer o registro da experiência, criar um souvenir para os alunos e um modelo para as futuras turmas usarem como referência. (SENISE, 2018, depoimento concedido ao autor)

Na base desta experiência estive a transmissão pelo *Facebook* junto com o acesso do público possível a enviar comentários tanto pela plataforma desta rede social, quanto pelo número de *WhatsApp* que os alunos-apresentadores davam no ar para interação com o público. Evidentemente a audiência foi baixa, basicamente limitada aos alunos da turma e aos amigos deles nas redes sociais, que enviaram mensagens e curtiram a apresentação pelo *Facebook*, mas como deixou indicado o professor Senise, trata-se de um modelo para usar como referência.

Questionário para verificar eficiência no ensino de Linguagem Sonora

De volta à *Linguagem Sonora* como disciplina original, a possibilidade de validação para comprovar o que pretendo demonstrar com este capítulo é considerar os 20 questionários respondidos duas vezes pelos mesmos alunos, na representação do público de 36 alunos que formaram uma turma de estudantes de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi, de 1º Semestre do curso no chamado Campus Paulista 1¹, no primeiro semestre de 2017. As diferenças numéricas entre os questionários aplicados e o número de alunos validados para a pesquisa se explicam por duas variáveis: apliquei o primeiro questionário no primeiro dia de aula exclusivamente para apanhá-los antes de começarmos todo o aprendizado no conhecimento sobre *Linguagem Sonora* e sua utilidade na informação jornalística, sendo este também um dia em que uma pequena parte dos alunos não havia se matriculado ainda, o que é comum em uma universidade privada. Apliquei o segundo questionário, rigorosamente com as mesmas questões do primeiro, no penúltimo dia de aula, antes do dia da prova final, também com a intenção de, com o conteúdo todo apresentado, medir o aprendizado dos alunos na comparação das repostas feitas nos dois questionários. A escolha deste dia se deu em função de a prova final ser um momento tenso e de concentração dos alunos, para estarem voltados exclusivamente para a prova e não para outras questões agregadas à disciplina e que não validam nota. Neste penúltimo dia, outros alunos faltaram. Desta forma, no desconto entre os que ainda não estavam no primeiro dia e os que faltaram no penúltimo dia, um conjunto de 20 alunos respondeu ao primeiro e ao segundo questionário.

.....
1 Campus Paulista 1 é localizado na Avenida Paulista, 2.000, Cerqueira César, São Paulo.

Optei por 5 perguntas abertas na constituição do questionário, apoiando-me na relação de vantagens deste tipo de questionário, em que, segundo Mattar (1994), entre outras, “[...]cobrem muitos pontos além das questões fechadas; têm menos poder de influência nos respondentes do que as perguntas com alternativas previamente estabelecidas [...]” (MATTAR, 1994, *apud* VARGAS, s/d, p. 3). Para não correr riscos de generalizações que não se confirmariam ao final da pesquisa, adoto o “método de amostragem não-probabilísticos”, em primeiro lugar quando os respondentes forem escolhidos porque eles são facilmente acessíveis ou os pesquisadores têm alguma justificativa por acreditar que eles são representativos da população (VARGAS, s/d, p. 8).

E ainda por duas outras razões, segundo as quais “a população designada é muito específica e de disponibilidade limitada” (VARGAS, s/d, p. 8), o que é o caso dos estudantes de jornalismo de 1º semestre de uma universidade privada paulistana; e “a amostra é um estudo piloto, não a pesquisa final, e um grupo não aleatório está disponível.” (VARGAS, s/d, p. 8). Neste caso, “a pesquisa final” a que ela se refere, no que percebo, seria um longo estudo do aprendizado dos alunos ou do curso desta Universidade, ou de alunos de jornalismo no Estado, na região do país, ou seja, um objeto mais amplo ao qual um questionário aplicado também amplamente poderia corresponder.

Nas perguntas do questionário, o assunto central toma o corpo de, se observadas evoluções no que diz respeito à percepção da importância da informação jornalística sonora, a disciplina *Linguagem Sonora* ser ela própria ferramenta de engrandecimento da cultura dos alunos. Para análise das respostas, considero mais interessante seguir o caminho de análise qualitativa a partir de dados quantitativos, ainda que estes últimos levem a percentuais residuais espalhados por muitas respostas diferentes. A favor das questões abertas está o respeito à livre expressão do alunado no questionário, ao refletir sua diversidade de pensamento, de acesso, de interesses, com objetivos de trazer à tona sinais de aproximação aos conceitos também subjetivos de *Cultura*, aprendizado, *Linguagem Sonora*, processos didáticos.

Uma análise qualitativa de certos dados quantitativos

Para a primeira questão “o que você entende hoje sobre o conceito de Linguagem Sonora?”, os resultados auferidos mostram que quatro dos cinco itens mais citados pelos alunos – resultando em 100% das respostas no início da disciplina e 85% das respostas ao final da disciplina – mostram tendência de manutenção da percepção ou de melhora, porque os outros 15% responderam na fase final que os estudos e práticas de composição e produção de áudios informativos estão envolvidos com questões sociais e culturais. No início do curso esse percentual foi de zero.

Para a questão “Você ouve podcasts? Se sim, qual tipo de podcast?”, o mais surpreendente desta apuração é que, entre os 8 (40%) entrevistados que responderam que não ouviam podcasts no início da disciplina, 2 (10%) não sabiam do que se tratava a palavra podcast. Eles passaram a saber, e o indicativo está em que, na saída da disciplina, apenas 20% não ouvia, mas todos sabiam do que se tratava.

Para a pergunta “Como você percebe o som enquanto componente de mensagens comunicacionais?”, caem em 20 pontos percentuais ao final da disciplina a quantidade de respostas genéricas dadas no início sobre som relacionado à fala, linguagem, interpretação, mensagem, e ainda relacionando com imagem com prevalência desta última. Enquanto isso, sobem ao final em 15 pontos percentuais as referências ao rádio como meio principal de comunicação sonora.

Sobre a questão “O que você conhece sobre a potencialidade e importância do som na informação jornalística?”, os alunos demonstram que ampliaram suas percepções sobre a incidência e importância do som na informação, independentemente da plataforma. Nesta questão, o rádio mantém-se no mesmo patamar de 35% do público, tanto no início, quanto no começo como citação, não apontando evolução na atribuição da importância ao meio, embora o conteúdo da disciplina tenha enfatizado essa importância.

Diante da questão “Vê alguma vantagem na produção da informação exclusivamente sonora, diante da produção da informação audiovisual, com imagem em movimento, ou mensagens escritas?”, a maioria de 75% demonstra invariabilidade, entre o início e o fim do processo, no que tange à importância do rádio e suas características, mas 25% mostra ao final indicações de estímulo à imaginação e atenção na escuta que o som provoca. Manteve-se absolutamente igual, tanto no início,

quanto ao final da disciplina o percentual (20%) de alunos que disseram não ver vantagem no som exclusivo como condutor de informação, atribuindo propriedades positivas a uma convergência que incluía som, imagem e texto.

Conclusão

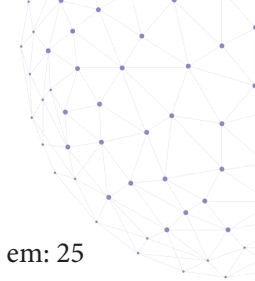
O resultado geral do questionário aplicado parece demonstrar que houve ganho para os alunos com a presença da disciplina *Linguagem Sonora* por um semestre. Ao menos, em uma leitura transversal sobre o potencial de respostas, pode-se perceber que os alunos ou mantiveram ou passaram a valorizar, em primeiro plano, o rádio como meio. Em segundo plano, mas não menos importante, o não consumo de som informativo transitado em áudio por internet, ou não conhecimento em alguns casos sobre podcast, a demonstrar que esse produto, quando com características essencialmente sonoras, não está na “timeline” de uso dos jovens estudantes de jornalismo que se iniciam nesta universidade privada da região sudeste do país.

Na generalidade, esse resultado de auto percepção é menor do que a expectativa da pesquisa, que buscava um patamar mais significativo de evolução dos alunos na percepção da importância do som na informação, com consequente demonstração de compreensão sobre o som possível que vincule o áudio e o rádio como elementos de importância social, a assinalar uma evolução cultural do alunado foco da pesquisa. Comprova-se aqui um dos pensamentos do filósofo austríaco Karl Popper quando discute teorias de métodos científicos e defende o que chama de “método empírico”, em que deve existir uma demarcação ao que se quer provar com uma pesquisa científica, e que se devem adotar regras “que assegurem a possibilidade de submeter à prova os enunciados científicos, o que vale dizer a possibilidade de aferir sua falseabilidade” (POPPER, 1993, p. 51). Por outro lado, o grande ponto positivo é a evolução de 15% do alunado, entre o início e o fim do processo, a citar a relação que a disciplina busca, de aproximação entre a produção de informação sonora e temas sociais e culturais.

Na história do curso de jornalismo desta Universidade e, principalmente, na evolução das matrizes curriculares de cursos de graduação da rede a qual ela pertence, em uma última reforma efetuada para o ano de 2018 a disciplina *Linguagem Sonora* foi excluída, para dar lugar a outras linguagens também fundamentais à formação do jornalista. Assim, as experiências fundamentais de produção sonora de informação e consequente desenvolvimento cultural dos alunos tornaram-se compactados em uma disciplina única que ora trata da informação em áudio, tornando-se este um novo desafio no trabalho dos professores que lidam com esta área. Este movimento é natural em uma universidade privada que, enquanto mantém sua preocupação de ensinar jornalismo em alto nível, deve cuidar por manter-se sustentável como entidade que visa lucro e metas financeiras. É certo que o desafio de ensinar do professor neste universo se intensifica, o que torna sua presença em sala de aula e sua intervenção enquanto educador ainda mais fundamentais para o aculturação de nossos alunos, tarefa, entendo, cumprida pelo exemplo exposto aqui com o desenvolvimento e a pesquisa a respeito do ensino da *Linguagem Sonora*. Portanto, retornamos ao ponto inicial deste capítulo: a questão da *Cultura* adquirida por nossos estudantes, possível de existir sobretudo aos que se prontificam a participar e aproveitar ao máximo o que a Universidade lhes oferece.

Referências

- BALSEBRE, Armand. **El language radiofónico**. Madrid: Cátedra, 2007, 5ª edição.
- CABRAL, Sérgio. **No tempo de Almirante: uma história do rádio e da MPB**. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 2005.
- CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **La radio en la convergência multimedia**. Barcelona: Gedisa, 2001.
- DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE JORNALISMO. Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de educação Superior. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 18 jun. 2017.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2007, 3ª edição.



- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GAMBARO, Daniel. **Tutorial do Audacity: uma visão geral para amadores e iniciantes**. Fev/2010. Disponível em: <http://culturadigital.br/falalivre/files/2015/04/tutorial_audacity_amplo.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2017.
- GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamentos da ciência dos jornais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- HAUSSEN, Doris Fagundes. Rádio, populismo e cultura: Brasil e Argentina. **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre: novembro de 1996. p. 50-56. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/2947/223>>. Acesso em: 25 jun. 2017.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.
- KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história**. Porto Alegre: AGE: Edipucrs, 2011, 2ª Edição.
- MEDITSCH, Eduardo, *apud* FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.
- MURCE, Renato. **Bastidores do rádio: fragmentos do rádio de ontem e de hoje**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história. **Revista USP**, São Paulo, n. 56, p. 66-85, dezembro-fevereiro 2002-2003.
- POPPER, Karl Raimund. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Editora Cultrix, 9ª edição, 1993.
- PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de radiojornalismo**. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- UNESCO. **Modelo curricular para o ensino do jornalismo**. Paris: UNESCO, 2007.
- RAMOS, Daniela Osvald. **A expansão do jornalismo para o ambiente numérico**. Curitiba: Appris, 2016.
- SENISE, Ricardo Penna Silveira. Depoimento dado ao autor, 28/04/2018.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- VARGAS, Vera do Carmo Comparsi de. **O uso do questionário em trabalhos científicos**. Universidade Federal de Santa Catarina, s/d. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/O_uso_de_questionarios_em_trabalhos_cient%edficos.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2017.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. **Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.

